



A CHARGE EM SALA DE AULA: leitura em novas perspectivas para o ensino¹

Maristela Landmann

RESUMO

Através desta pesquisa realizada durante o curso de Licenciatura Plena em Letras apontam-se alternativas e iniciativas que podem contribuir para a conquista da leitura como prática circular e transformadora em vários âmbitos sociais. Com escritores como Ezequiel Teodoro da Silva, Maria José Coracine, Ângela Kleiman, Ingedore Koch, Beth Brait que possibilitam novos apontamentos, contribuindo na busca de alternativas para fortalecer o hábito da leitura. Destaca-se a sala de aula como laboratório fundamental no estudo de métodos que desenvolvem novas leituras. Sabendo do poder influenciador da charge, se discute este gênero textual como foco principal. As charges carregam novas perspectivas para o desenvolvimento da leitura crítica e construtiva.

Palavras-chave: Letras. Leitura Crítica. Sala de aula. Charges. Transformadora. Ezequiel Teodoro da Silva.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a importância da leitura na vida de todo e qualquer indivíduo, cada vez mais se compreende a necessidade de desenvolver e buscar a leitura como fonte disseminadora da formação consciente e crítica.

Ressalto o papel das charges como vozes da sociedade falando acerca de fatores essenciais como: educação, cultura, política, ações e ideologias da própria sociedade.

¹ Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2008, sob a orientação da Prof^{ra}. Graci Leite Da Luz.

* Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2009. Cursando a Especialização 'Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa' pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

Sabendo da importância da promoção da leitura em vários âmbitos de nossa sociedade, mas focando o papel da escola, propõem-se alternativas que talvez não sejam definitivas, pois não ousa pensar que é tão simples essa questão, mas levanta-se mais uma vez à tona o processo de desenvolvimento da leitura em sala de aula, trazendo muitas reflexões que podem render sementes produtivas, como o despertar do gosto pela leitura desde o professor até o aluno.

2 EXPLORANDO TEXTOS: charges em foco

Levar um texto que tenha a ver com a realidade e a fase na qual os alunos se encontram é um fator que contribui para que o texto tenha êxito, provocando o interesse desses alunos pela leitura e suas reflexões. Todo texto tem inúmeras possibilidades de interpretação e aprendizagem, basta que o professor saiba como trabalhá-los em sala de aula, através das charges cria-se uma metodologia inovadora que leva o aluno a descobrir essas possibilidades de leituras, refletir criticamente. Segundo Silva (2004, p.28):

[...] a oferta de leitura na escola se apresenta como círculo fechado, envolvendo somente as obras da chamada 'Literatura pedagógica' (clássicos escolares). Por outro lado, além do esquema redundante da oferta, fechada à literatura de vanguarda e por isso mesmo reveladora, constatamos a presença de metodologias que ao invés de propiciar o prazer e o gosto pela leitura, vão paulatinamente aniquilando o potencial da leitura dos alunos.

Existem alunos que não sabem como interpretar e explorar um texto, por não terem tido a oportunidade de trabalhar com um maior número e tipos diferentes de textos. E também por estarem acostumados a esperar do professor os questionamentos, ou somente buscar a idéia central. Desta forma se tem a impressão e muitos acreditam nisso, que o texto oferece uma única idéia a ser desvendada e os alunos esperam que ela salte diante de seus olhos do nada, apenas de uma leitura superficial, ou ainda ficam esperando que o professor os leve a descobrir o que quer dizer o texto.

Kleiman (2000, p.29) reforça: “[...] que na utilização de textos devem ser evitadas abordagens rígidas, fixas, previsíveis [...]”. E também Segundo Coracini (1995, p. 19):

Raramente, se observa, na prática de sala de aula, a concepção de leitura enquanto processo interativo (leitor-texto, leitor-autor), a partir da recuperação explícita do que se acredita serem as marcas deixadas pelo autor, únicas responsáveis pelos sentidos possíveis. Mais raramente ainda, para não dizer nunca (ao menos nas aulas analisadas), a concepção discursiva se vê contemplada: raramente são permitidas, em sala, outras leituras que não sejam a do professor, ou melhor, do livro didático que o professor lê e respeita como portador da verdade, como representante fiel da

ciência, já que constitui, muitas vezes, o único suporte teórico do conhecimento do professor e das aulas por ele ministradas.

Vários tipos de textos podem ser constantes em sala de aula, como artigos, crônicas, reportagens seja de revista ou jornal. Textos do próprio livro didático, basta que sejam bem escolhidos e trabalhados desencadeando a curiosidade e argumentação dos alunos. A concepção de que o autor coloca uma mensagem no texto e que o aluno a descobre pelos sinais identificados na estrutura do texto é empobrecedor. É preciso acionar no aluno a capacidade de domínio num texto, saber comunicar seus discursos através desse texto que serve de canal para este processo, numa ilimitada gama de interpretações argumentativas.

Kleyman (2000, p. 49) coloca: “que isso fica bastante evidente quando analisamos nos livros didáticos”, ou seja, a divisão entre ‘perguntas de compreensão’ que na maioria são perguntas sobre informações explícitas no texto, e a ‘resposta pessoal’ acaba disfarçadamente sendo controlada pelo autor do livro didático e pelo professor, o qual define o momento que o aluno assume papel de sujeito da leitura.

Não existe uma única idéia fixada que deve ser seguida a risca, toda a leitura trabalhada em sala de aula deve ser um movimento de transformação ou formação crítica, só assim os alunos descobrirão como a leitura os inunda de inúmeros conhecimentos que os acompanharão por toda a vida e que se refletem no seu comportamento social, emocional ou profissional. Segundo E. Silva (2003, p. 44):

Convém que o professor se convença de que a sua interpretação de um texto não é a única possível. Isto quer dizer que ele deve abrir espaço e, dentro de um clima democrático e empático, para que os estudantes (leitores) expressem as suas maneiras de ver o texto e os sentidos que conseguiram produzir.

No caso das charges temos a oportunidade de analisarmos e interpretarmos assuntos que fazem parte de nosso dia-a-dia, as significações contidas nos textos das charges são carregadas de efeitos reais que traduzem muitas vezes os sentimentos que estamos compartilhando com os outros, sentimentos de indignação, revolta, conscientização e sensibilização diante de acontecimentos que mexem com nossa forma de ver o mundo.

Desta forma, o texto deixa de ser entendido como uma estrutura acabada (produto). Passando a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização, e construção. [...] o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, que são postos em ação em situações concretas de interação social (KOCH, 2003, p.26).

O discurso da charge direciona o leitor que de alguma forma já está inserido no contexto de sua enunciação, ele faz parte deste discurso e acaba parafraseando este discurso, mas com novos elementos que acabam enriquecendo este discurso, trazendo novas significações que possibilitam reflexão e a comunicação, disseminando a troca de informações e atrelando falas que até então poderiam estar dissonantes.

3 A CHARGE NO CONTEXTO DO ALUNO

Aqui proponho uma atividade no desenvolvimento da leitura em sala de aula, o uso da charge como leitura inteligente e dinâmica. Sem dúvida a maioria das pessoas com raras exceções, já tiveram contato com charges, que é um tipo de leitura crítica e sempre contextualizada com os acontecimentos em vários âmbitos sociais e políticos.

O termo charge vem do francês *charger* que significa carga, exagero ou, até mesmo ataque violento (carga de cavalaria), satiriza um certo fato, situação ou pessoas, envolvendo principalmente casos de caráter político que sejam de conhecimento do público.

As charges foram criadas no princípio do século, por pessoas opostas a governos ou críticos políticos, e é claro que os governantes da época usaram de seu poder para reprimir este tipo de manifestação, mas mesmo assim as charges caíram no gosto popular e sobreviveram até a atualidade, fazendo muito sucesso.

A Charge traz sempre a informação da realidade do dia-a-dia, muitas vezes são fatos que interferem diretamente na vida dos alunos, e a sua interpretação é facilmente assimilada se o aluno estiver ligado à realidade que o cerca. Os acontecimentos políticos, por exemplo, são bastante retratados em charges contribuindo e muito na formação do senso crítico político-social e conscientização dos alunos como cidadãos atuantes na sociedade.

A charge será alvo do estudo por trazer, em uma análise superficial, implícita a história e a presença do interdiscurso. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, para atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia (C. SILVA, 2004 p.13).

Nas charges verbais existe uma dependência entre a ilustração e o texto escrito, um auxilia o outro para a coesão da mensagem a ser transmitida, lembrando que o aluno tem de estar inteirado do mundo e de sua realidade para saber explorar este tipo de leitura que dependerá do conhecimento de mundo, da situação social, cultural e até mesmo econômica de

cada um, tanto a leitura verbal quanto a não verbal de uma charge vai refletir o contexto histórico de cada indivíduo, é uma leitura que induz interpretação e reflexão.

Uma charge nunca é neutra ela sempre desperta a crítica do leitor e geralmente mesmo quando trata de assuntos sérios, tristes ou denúncias o faz com muita criatividade e humor que é um forte artifício em seu conteúdo.

Desde obras clássicas até as tiras o humor se faz presente e marcante, pois junta o riso a percepção crítica, quando lemos uma piada além de provocar o riso nos situamos diante de fatos que fazem parte de nosso contexto, ou que influenciam o mundo e as pessoas de alguma forma.

O humor tem cada vez tomado mais espaço em diversos meios de comunicação e em diferentes produções textuais, há sites na internet voltados exclusivamente para o humor. A arte de fazer humor ao contrário do que possa parecer é algo muito sério e precisa ser bem elaborado, é preciso ter consciência de quais questões serão levantadas, quais os efeitos que terão a quem se dirige. É imprescindível observar se o público que se almeja atingir condiz com os recursos e argumentos utilizados, ou seja, os discursos precisam estar entrosados com o público leitor.

Reiniciar uma reflexão sobre o humor como categoria ampla, ainda que objetivado como traço de linguagem revelador de um ponto de vista, um olhar sobre o mundo, que requer tanto do produtor quanto do destinatário uma competência discursiva especial, significa, de antemão, saber o quanto isso poderia representar em extensão e repetição. Assim sendo, num primeiro momento, a dimensão discursiva mostrou-se não como uma maneira de definir ou redefinir o humor, mas como uma dimensão teórica aparentemente compatível com a necessidade de uma generalização, uma vez que o fenômeno só poderia interessar como traço de linguagem e não apenas como marca de uns poucos produtores (BRAIT, 1996, p.13).

A charge não-verbal é um tipo de leitura bem aceita em sala de aula na qual os alunos se indentificam por ser desafiador interpretar as imagens, quando há mais de uma imagem na mesma charge, seguem uma sequência lógica para fazerem sentido. É um ótimo recurso na familiarização com diferente tipos de leitura possíveis e necessárias para formação do bom leitor.

Vivemos num mundo no qual o apelo visual é cada vez mais presente em termos de comunicação e a charge usa muito este recurso tornando-se uma leitura dinâmica e temporal que está diretamente ligada com os fatos imediatos do cotidiano e seu conflitos, mas como qualquer outro texto a ser trabalhado em sala de aula, precisa observar se condiz com o repertório que os alunos conhecem, com a faixa etária, e de acordo com a série na qual se encontram.

Deve-se deixar de ver a leitura não-verbal como uma imagem centrada no signo, buscando assim uma leitura da imagem enquanto texto, no qual se inclui unidades visuais de diferentes categorias lingüísticas.

É a visibilidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua correlação com o verbal, a imagem pode ser lida e a sua representatividade possibilita essa leitura de linguagem.

O mundo moderno valoriza cada vez mais o texto não verbal, a beleza e criatividade das imagens mexem com nossas emoções e conseguem perfeitamente substituir as palavras. As imagens invadem nosso terreno visual de inúmeras formas e se desenvolvem rapidamente, diferente do que acontece com a escrita, por isso a necessidade de aprender a fazer a leitura de textos não-verbais. É preciso situar o tema dentro do contexto, olhar aquilo que acompanha a imagem, o significado de detalhes, às relações com outros elementos para se ter condições de ler e interpretar um texto não-verbal

A imagem também informa, comunica e se constitui em texto; e nesse ponto, se ressalta que falar dos modos de significação implica falar também do trabalho de interpretação da imagem, procurando entender tanto como ela se constitui em discurso, quanto como ela vem sendo utilizada para sustentar discursos produzidos com textos verbais.

O processo de interpretação da imagem, como na interpretação do verbal, vai pressupor também a relação com a cultura, o histórico, com a formação social dos indivíduos e vai revelar qual a relação imagem/interpretação em diferentes aspectos.

A leitura sem palavras permeia o dia-a-dia do homem, à medida que se pode considerar desde a vestimenta ou a escolha de um transporte, como um tipo de leitura, pois essas escolhas revelam as preferências, as expectativas sócio-econômicas do homem. (FERRARA, 1993, p.17).

Ponderando tudo isso se tem na charge tanto verbal como não-verbal um leque de opções que pode e deve ser explorado em sala de aula com forte contribuição para a formação de alunos para a leitura e que terão opinião articulada e desenvolvida a partir da realidade que os cercam.

Toda a leitura é válida na formação de novos leitores que compreenderão a leitura como referencial de informação inesgotável, sendo assim, “[...] texto é resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza[...].” (KOCH, 1995, p.19).

3.1 A CHARGE, LEITURA DINÂMICA

A charge tem ganhado cada vez mais espaço, nos jornais, revistas das mais importantes do País, programas de televisão e é claro a internet. Pesquisando em alguns livros didáticos de Língua Portuguesa do ensino fundamental e médio de conceituadas instituições de ensino, constatei que a charge está fazendo parte das práticas pedagógicas.

A leitura múltipla e democrática em sala de aula e na vida dos alunos como abertura para novas visões foi a inspiração para desenvolver um trabalho com charges. Aproveitando a oportunidade do estágio de regência do oitavo semestre de Licenciatura Plena em Letras que foi realizado na Escola Municipal de Educação Básica Jardim Paraíso, localizada no Município de Sinop-MT onde ministrou-se aulas de cursinho pré-vestibular oferecido pela Universidade do Estado do Mato Grosso - UNEMAT, colocou-se em prática a leitura em novas perspectivas.

Nas primeiras atividades propostas os alunos analisaram diversas charges, por exemplo, uma voltada para campanha de conscientização contra o tabagismo, os alunos teriam que relacionar a imagem ilustrativa com as frases, e observou-se rapidez na assimilação que tiveram. Logo surgiu um clima de debate no qual os alunos começaram a dar suas opiniões, falar de suas experiências pessoais, relataram fatos que tinham conhecimento e isso diz muito do poder da charge bem trabalhada em sala de aula. Neste sentido Chiappini (2001, p.18) enfatiza: “que um texto é marcado por sua incompletude exatamente por isso tem uma relação de dependência com o leitor”. Portanto, o ato de ler não se caracteriza como atividade passiva, o leitor é quem dá efeitos de sentido aos significados do texto, ou seja, o leitor é um elemento ativo neste processo.

Este tipo de leitura consegue desencadear no aluno a vontade de encontrar o sentido ou sentidos do texto, lembrando que o discurso do sujeito se manifesta neste processo.

Relacionando a imagem com as frases, conseguimos definir como estes elementos se relacionam na estruturação do texto, é como se algo tivesse que ser desvendado pelos olhos atentos e perspicazes do leitor, isso se torna uma brincadeira séria muito estimulante para os alunos, de acordo com Rangel (2003, p.15):

Por outro lado, pesquisas empíricas sobre estratégias, operações mentais, tipos de processamento do texto e assim por diante, foram capazes de formular, em seu conjunto, modelos plausíveis de proficiência em leitura/escuta e em escrita/fala, do ponto de vista quer das condições de produção do discurso (oral ou escrito), quer dos esquemas sócio interacionais em jogo, quer, ainda, dos processos cognitivos envolvidos. O que estimulou os responsáveis pelo ensino a, simultaneamente, encarar o aprendiz como sujeito ativo de seu próprio processo e perceber o papel determinante do contexto e da situação para o sucesso da aprendizagem.

Foi apresentada uma charge de cunho político e por ter sido em época de eleição teve resultado imediato. Os alunos demonstraram identificação com o assunto de corrupção e impunidade aos políticos, e por se tratar de a justiça só punir os mais pobres, ou seja, o ‘Zé Povão’ enquanto os políticos ditos os de ‘colarinho branco’ ficarem sempre impunes.

Na charge do tipo não-verbal os alunos interpretaram sem dificuldade por se tratar da corrupção, algo que infelizmente faz parte do cotidiano deles, todos os dias nos jornais escritos ou televisivos se fica sabendo do aumento descarado e abusivo da corrupção principalmente na política, isto já se tornou corriqueiro. Os alunos puderam expor sua opinião e dar sugestões de qual seria a saída para acabar com a corrupção e as falhas da justiça no Brasil, como era de se esperar este tema rendeu muitos discursos e ideologias por parte de todos.

Quando lemos um texto incluído em um determinado livro, revista ou jornal devemos fazer uma interpretação acerca dos sentidos que julgamos previstos, tendo em vista nosso conhecimento ou a ideia que fazemos dos objetivos e finalidades da publicação, a ideologia a ela subjacente e do tipo de leitor que se pretende atingir. Se não o fizermos, corremos o sério risco de tomar o texto na sua transparência e fixidez; transparência só concebível para aquilo que é, sempre foi e sempre será: a verdade do texto. Mas, além disso, é preciso que o aluno perceba que mesmo a nossa interpretação dos sentidos previstos para um texto em uma dada condição de produção é ilusoriamente autônoma, já que, na verdade, ela é fruto das formações ideológicas e discursivas que nos constituem como sujeitos. (CORACINI, 1995, p.90).

Outra atividade feita foi pedir para que eles pesquisassem em jornais, revistas, internet algumas charges e trouxessem para a sala de aula abrindo assim, espaço para a democratização da leitura e a chance de conhecer um pouco mais o gosto dos alunos.

Os alunos trouxeram vários tipos de charge, a maioria de jornais e internet, o tema mais abordado foi o da política e algumas de abordagem social, todas essas charges foram lidas para toda a sala e comentadas, houve participação de todos os alunos.

Percebeu-se nos alunos o conhecimento prévio dos acontecimentos significativos da sociedade, é a prova de que eles não estão alienados à sua realidade e tem interesse de dar suas opiniões, Coracini (1995, p.16) enfatiza que:

Quando falamos de diferentes leituras, referimo-nos não apenas à leitura realizada por cada indivíduo em particular, mas aos diferentes momentos de sua vida: na verdade, o sentido de um texto, por ser produzido por um sujeito em constante mutação, não pode jamais ser o mesmo; aliás, como bem coloca Foucault (1971), tudo é comentário: o dizer é inevitavelmente habitado pelo já dito e se abre sempre para uma pluralidade de sentidos, que, por não se produzirem jamais nas mesmas circunstâncias, são, ao mesmo tempo, sempre e inevitavelmente novos.

Estas atividades contribuíram para a formação do cidadão crítico, reforçando a necessidade de mais espaço na sala de aula para diferentes tipos de leitura como prática transformadora.

4 CONCLUSÃO

Pretende-se através desta pesquisa incentivar mais a leitura dos alunos, e o professor é um dos mediadores para que isso aconteça, políticas pautadas na maior abertura do espaço para a leitura na vida escolar, podem contribuir para a disseminação da leitura como conhecimento de mundo e formadora de cidadãos críticos.

Observou-se nas atividades feitas através das charges que os alunos realmente as consideraram uma leitura interessante e que é um incentivo à procura de novas leituras sobre as temáticas levantadas. Kleiman (2000, p.10) afirma: “[...] que para haver uma interação no aprendizado em sala de aula o aluno precisa estar convencido da relevância da tarefa proposta e o texto quando prática social acaba remetendo o aluno a outros textos e leituras [...]”, ou seja, na leitura vêm à tona crenças, valores e atitudes adquiridos de nossas vivências.

THE CHARGE IN THE CLASSROOM: reading in the new teaching perspectives

ABSTRACT²

Through this research performed during the course of Licenciatura Plena em Letras we point alternatives and initiatives that can contribute to the reading achievement as a practice of movement and transformation in lots of social contexts. With writers like Ezequiel Teodoro Silva, Maria José Coracine, Ângela Kleiman, Ingedore Koch, Beth Brait that enable new notes, contributing in the search of alternatives to increase the habit of reading. It shows the classroom as a fundamental laboratory in the methods study in the reading development. Knowing the powerful influence of the charge, it discusses this genre as main focus. The charges carry new perspectives for the development of critical reading and constructive.

Keywords: Languages. Critical Reading. Classroom. Charges. Transform. Ezequiel Silva.

² Transcrição realizada pela aluna Maristela Landmann e revisão pela aluna Viviane Rossato, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectivas polifônica**. São Paulo: UNICAMP, 1996.
- CORACINI, Maria José. **O jogo Discursivo na aula de leitura: Língua Materna e Língua Estrangeira**. São Paulo: Pontes, 1995.
- CHIAPPINI, L. **Aprender e Ensinar com Textos Didáticos e Paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERRARA, L.D. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 1993.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina da Leitura: Teoria e Prática**. São Paulo: Pontes, 2000.
- KOCH, Ingedore G. V. **O texto: construção de sentidos**. Porto Alegre: Organon, 1995.
- _____. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 2003.
- RANGEL, E. Livro Didático de Língua Portuguesa: O Retorno do Recalcado. In: DIONÍSIO, A.P., BEZZERRA, M. A. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- SILVA, Carla L. M. **A aula de Língua Portuguesa: uma proposta de trabalho com charges**. Monografia. Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS, 2004. Disponível em: <www.unesc.br/curso/pos-graduacao/mestrado>. Acesso em: 10 nov. 2008.
- SILVA, Ezequiel. T. **UNIDADES DE LEITURA: Trilogia Pedagógica**. São Paulo: Autores e Associados, 2003.
- _____. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. São Paulo: Papyrus, 2004.